

A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL [ʎ] > [j] NO FALAR DA COMUNIDADE DE CÁCERES NO ALTO PANTANAL DE MATO GROSSO

VOCALIZATION OF LATERAL PALATAL [ʎ] > [j] IN THE SPEAKING OF THE CUMMUNITY OF CÁCERES IN ALTO PANTANAL OF MATO GROSSO

Jocineide Macedo Karim¹

Taisir Mahmudo Karim²

Período de recebimento dos textos: 04/08/2014 a 31/10/2014

Data de aceite: 10/11/2014

Resumo: Este artigo tem como base teórica a Sociolinguística, trata da vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j], uso linguístico frequente no falar dos informantes mais velhos da comunidade cacerense localizada no Alto Pantanal de Mato Grosso. Nosso objetivo neste estudo é focalizar esses usos linguísticos e, assim, trazer uma contribuição para o conhecimento da variação dialetal no português do Brasil.

Palavras chave: Sociolinguística; vocalização; comunidade; variação linguística; Cáceres.

Abstract: This article is theoretical basis Sociolinguistics, deals with the vocalization of the palatal side [ʎ]> [j], frequent linguistic usage in speaking of older informants Cacerense community located in Alto Pantanal of Mato Grosso. Our goal in this study is to focus these linguistic uses and thus make a contribution to the knowledge of dialectal variation in Portuguese of Brazil.

Keywords:Sociolinguistics; vocalization;community; dialectal variation; Cáceres.

¹Professora Doutora em Linguística do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – membro dos Projetos de Pesquisas: Nomes Próprios: Estudos da Significação/FAPEMAT e Atlas dos Nomes que Dizem das Cidades Brasileiras - Um Estudo Semântico-Enunciativo: Nomes Próprios/CNPq. (jocineidekarim@yahoo.com.br).

²Professor Doutor do Curso de Letras/Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Unemat. Coordenador do CEPEL- Centro de Estudos e Pesquisa da Linguagem. Coordenador dos Projetos de Pesquisas: Nomes Próprios: Estudos da Significação/FAPEMAT e Atlas dos Nomes que Dizem das Cidades Brasileiras - Um Estudo Semântico-Enunciativo: Nomes Próprios/CNPq. (tairsirkarim@hotmail.com)

Breve Descrição da Fundação de Cáceres-Mt

Cáceres³ está localizada a 240 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da fronteira do Brasil com a cidade boliviana de San Mathias. Sua extensão territorial é de 24.965,94 Km²; situa-se na Mesorregião Centro-sul mato-grossense, na Microrregião do Alto Pantanal, com a área sul do município fazendo parte do Pantanal mato-grossense.

A cidade é banhada pelo Rio Paraguai, localizando-se em sua margem oriental, sete léguas⁴ ao norte da foz do Jauru e na confluência dos rios Sepotuba e Cabaçal, no caminho entre Vila-Bela da Santíssima Trindade e a capital Cuiabá. O Rio Paraguai percorre uma extensão de 2.621 km, sendo 1.693 km em território brasileiro. Conforme Ferreira (2001), por tradição, no percurso do rio existe quatro longos trechos com características diferentes: Paraguai Superior, Alto Paraguai, Médio Paraguai e Paraguai Inferior. O percurso do rio no município de Cáceres, o *Alto Paraguai*, corresponde ao curso da bacia de recepção das águas, desde a confluência do Rio Jauru até o Rio Apa. Nas épocas de cheia e vazante, as águas correm entre os barrancos que margeiam o rio, alagam os campos e matas, formando baías e lagoas que são utilizadas para a reprodução e a criação das espécies de peixes pantaneiros. Esse curso da água tem fundamental importância no aproveitamento socioeconômico –há muitas famílias ribeirinhas que sobrevivem somente da pesca.

A cidade de Cáceres constitui-se em uma fonte inesgotável de material de pesquisa para pesquisadores de diversas áreas e, especialmente, para

³ A cidade de Cáceres-MT foi reconhecida recentemente como *Patrimônio Cultural do Brasil*, conforme a publicação no Diário Oficial da União de 26.06.2012. O tombamento foi apresentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

⁴ Medida de distância em vigor antes da adoção do sistema métrico, valendo aproximadamente 6.600 m.

linguistas, por apresentar aspectos linguísticos e culturais que remetem aos colonizadores e aos povos que viviam nesse território na época da fundação da cidade, período do Brasil-colônia.

De acordo com Ferreira (2001, p. 405), a primeira penetração de não índios na região de Cáceres “retrocede a tempos anteriores à fundação de Cuiabá”. Em 1754, o governador da Capitania de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura Tavares, manda erguer às margens do rio Jauru o Marco do Jauru, que indicava a fronteira da colônia portuguesa determinada pelo tratado de Madrid, de 1750, como limite do território lusitano na América. Segundo Simon & Ayala (1914), o Marco do Jauru foi trasladado, em fevereiro de 1883, para a Praça Barão do Rio Branco, pelo Tenente Coronel Antônio Maria Coelho, comandante do 19º Batalhão de Infantaria de São Luiz de Cáceres. Atualmente o Marco do Jauru encontra-se instalado na Praça Matriz, em frente à Catedral São Luiz.

Com a mudança da nova capital de Mato Grosso para Vila Bela da Santíssima Trindade em 1752, o governador da Capitania, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, determinou a criação de um entreposto entre a Capital e o maior centro econômico da região, Cuiabá. Assim, deu-se a fundação da Vila Maria do Paraguai (hoje cidade de Cáceres). A Vila é fundada em 6 de outubro de 1778, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal.

Dessa forma, a denominação primeira da Vila, *Villa Maria do Paraguay*, se deve à homenagem feita *em obsequio do real nome de Sua Majestade*, D. Maria I, rainha reinante de Portugal. Ao longo de sua história, a cidade é renomeada oficialmente mais quatro vezes; o nome Cáceres só foi adotado através do Decreto-Lei nº. 208, de 26 de outubro de 1938.

O Governador da então Capitania apontou os seguintes motivos que o levaram a definir o local para fundar a Vila:

1. Abrir uma porta de navegação com São Paulo (Albuquerque elaborara uma carta hidrográfica que estabelecia as diretrizes de navegação fluvial para São Paulo desde o norte de Mato Grosso por Vila Maria e nordeste de Cuiabá);
2. Defesa e incremento da fronteira sudoeste;
3. Fertilidade do solo regado por abundantes águas e cheio de pastagens, o que era bom prenúncio de riqueza e prosperidade agrícolas;
4. Facilitar as comunicações entre Vila Bela e Cuiabá e o desenvolvimento das relações comerciais entre os dois centros populacionais mais importantes da região mato-grossense. (BARROS *apud* MENDES, 2009, p. 30).

Apresentamos abaixo fragmento da Ata de fundação da Vila-Maria, reproduzida por Mendes (2009, p.27).

[...]sendo presente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do Rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado a este dito lugar por ordem do Ilmo. E Exmo. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com effeito fundar, erigir e consolidar uma **povoação civilizada**, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, compreendidos todos os **casas de índios castelhanos** proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o número de **78 indivíduos** de ambos os sexos, a que juntando-se todo o numero das mais pessoas congregadas para o dito fim faz o total de **161 indivíduos** de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de sua Majestade – Villa Maria do Paraguay – esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real sérvio e commodidade publica. (grifos nossos)

No fragmento, destacamos a referência ao número expressivo de índios castelhanos da Província dos Chiquitos levados a juntar-se à população colonizadora sob o domínio da coroa portuguesa.

É interessante mencionar a existência de população escrava na Fazenda Jacobina contemporânea à fundação da cidade. Conforme Mendes (2009), a fazenda registrou o número de duzentos escravos que trabalhavam

nas atividades da roça nos canaviais, na plantação de mandioca, feijão, cereais e café. A fazenda Jacobina se tornou um dos estabelecimentos agropastoris mais importantes da província, o centro de propagação do desenvolvimento. Em 1827, a Jacobina foi considerada a fazenda mais rica da Vila-Maria, tanto na área da produção agrícola, como na pecuária, registrando sessenta mil reses em seus pastos.

Também a fazenda Descalvados foi fundamental no crescimento da Vila-Maria – desenvolveu atividades na indústria extrativa, na produção pecuária, e, pela facilidade de navegação fluvial, teve instalada uma charqueada que abatia as reses da propriedade para a produção e exportação de charque. Na década de 1880, havia na fazenda uma charqueada destinada a abastecer o mercado europeu. Atualmente a fazenda Descalvados desenvolve atividades na área do turismo pesqueiro.

Somando-se o número de pessoas que viviam nas fazendas Jacobina e Descalvados para a produção agrícola e pecuária, o total era maior do que o registrado na Vila-Maria. Segundo Florence (1827 *apud* MENDES, 2009, p. 31-32), a vila era apenas

[...] dois renques de casas em mau estado, de cada lado, uma **grande praça, uma igrejinha** sob a invocação de São Luiz de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo. **Seis ou sete homens brancos, trezentos caburés descendentes de índios aldeados** no tempo de D. Maria I, mulatos e negros, eis toda a população da vila. (grifos nossos).

Nessa citação destacamos que a população indígena supera a população não índia daquela época. Esse fato demonstra que, apesar de ter sido fundada com o nome de Vila Maria do Paraguai, a vila era habitada principalmente por índios Chiquitanos emigrados da República da Bolívia. Na parte estrutural da vila, a *grandepraça* e a *igrejinha* representam a preocupação dos colonizadores com a organização dos espaços da vila, conforme orientação

do governador da capitania de Mato Grosso. Em Vila-Maria, com o crescimento da povoação, as primeiras casas dos habitantes foram construídas ao redor da praça da Igreja.

Em 17/04/1863, pelo Decreto n° 3069, a administração da Vila-Maria recebe instruções para regular o registro de casamentos, nascimentos, óbitos de pessoas de religião diferente do Estado. Nesse tempo, o desenvolvimento da Vila ocorria através do meio rural, com o crescimento da produção agrícola e pecuária. Essas atividades impulsionaram a elevação da Vila-Maria do Paraguai à categoria de cidade, quando a vila passa a ser denominada São Luís de Cáceres. Seu nome é uma homenagem ao fundador, *Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres*, ilustre português nascido em Ladário, distrito de Viseu, no dia 21 de outubro de 1739.

De acordo com Ferreira (2001), no início do século XX, a cidade estava em pleno desenvolvimento e importantes acontecimentos marcaram a administração do município. Por exemplo: em 1° de agosto de 1906 ocorreu a inauguração da Estação Telegráfica de São Luiz de Cáceres; no ano seguinte é instalado o primeiro ramal das linhas telegráficas de Mato Grosso; em 16 de março de 1927, pela primeira vez o hidroavião Santa Maria corta os céus mato-grossenses e flutua no Rio Paraguai; em 1929, a firma Castrillon & Irmãos inicia o serviço particular de abastecimento de água encanada na cidade.

Segundo Mendes (2009), a população cresce gradativamente e a partir de 1950 Cáceres recebe novos migrantes. No período de 1961 a 1963, na administração de José Esteves de Lacerda, ocorreu a inauguração da Ponte Marechal Rondon sobre o Rio Paraguai, abrindo vias de comunicação com o extremo oeste mato-grossense, e marcando a fase decisiva para a ocupação do município.

Além da inauguração da ponte Marechal Rondon, nesse período Cáceres foi destaque no cenário brasileiro como potência em produção agrícola e pecuária. A atenção que a região recebeu significou a intensificação do fluxo migratório vindo das regiões Sul e Sudeste do país. Sua população, de 28 mil habitantes, em 1960, passa a 86 mil habitantes, em 1970.

Inferimos que esse súbito crescimento na população, trouxe novos falares para a comunidade cacerense e, também, o estranhamento dos migrantes em referência à norma linguística local. Esse estranhamento tem aproximadamente meio século, fato que resultou em diversas reações no comportamento dos cacerenses sobre a sua norma linguística. Os nativos com alto grau de escolaridade acreditam que não utilizam a norma local. Para eles, quem utiliza norma local são os nativos moradores da periferia, com baixo grau de instrução. Esses nativos são justamente os informantes deste estudo que são identificados mais a diante.

Com o crescimento demográfico, a administração de Cáceres precisou trabalhar em muitas frentes na estrutura física e organizacional para atender às necessidades da população. Ocorreu, nesse período, a construção da ponte sobre o Rio Cabaçal, facilitando a expansão para o oeste. Essa ação deu origem a inúmeros municípios que se emanciparam de Cáceres, reduzindo sua área geográfica e produtiva.

Cáceres teve um momento importante para o ensino superior na administração Municipal de Ernani Martins. Em 1978, o prefeito autorizou o poder executivo a criar o IESC – Instituto de Ensino Superior de Cáceres⁵, com o objetivo de promover o ensino superior e a pesquisa nessa região. O Instituto

⁵ Segundo Zattar et al. (2008, p. 15), foi “através da Lei n° 703, de 20 de julho de 1978”.

passou por várias modificações e atualmente transformou-se em Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT⁶.

Atualmente nos seus 236 anos, Cáceres também se destaca por ter se transformado em um importante polo político-econômico-cultural da região sudoeste do Estado. É neste cenário, onde passado e presente se integram e o futuro se mostra que se insere este estudo, e a que nos referimos mais detalhadamente a partir deste momento.

Procedimentos Metodológicos Adotados Neste Estudo

Neste espaço apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na realização deste estudo⁷: como ocorreu a constituição do *corpus* - os critérios usados para a seleção do informante e o seu perfil sociocultural, como se deu a coleta de dados e a transcrição dos dados para a análise.

O *corpus* analisado neste estudo foi constituído a partir de entrevistas realizadas conforme sugestões de Labov (1972) e Tarallo (1997). Foram entrevistados doze informantes nativos da cidade de Cáceres, que fazem parte da comunidade São Lourenço. Os informantes, com linguagem estabilizada, se distribuem em duas faixas-etárias: a primeira, de 42 a 51 anos (adultos mais novos) e, a segunda, de 59 a 91 anos (adultos mais velhos). Essa escolha se justifica pelo fato de que nessas faixas-etárias os falantes apresentam um comportamento definido em relação à linguagem. Foram entrevistados seis informantes de cada faixa etária, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino.

Além da consideração do sexo e da faixa etária, os informantes foram selecionados de forma a respeitar os seguintes critérios: a) ser nascido na

⁶ Segundo Zattar et al. (2008, p. 16), “criada pela Lei Complementar n° 30, de 15 de dezembro de 1993, como entidade de direito público”.

⁷ O projeto de pesquisa que deu origem a este texto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FCM/UNICAMP, conforme parecer 968/2011.

cidade de Cáceres;b) ter pais nascidos na região sudoeste do Estado de Mato Grosso; c) ter baixa escolaridade, desde nenhum grau até a 8ª série.

Apresentamos na Tabela 1o perfil sociocultural dos nossos informantes:

Tabela 1: Perfil sociocultural dos informantes

Identificação⁸	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade
M1	Masculino	51 anos	2ª série	Pedreiro
M1	Masculino	42 anos	nenhuma escolaridade	Pescador
M1	Masculino	51 anos	6ª série	Pescador
M2	Masculino	82 anos	2ª série	Aposentado
M2	Masculino	59 anos	6ª série	Pescador
M2	Masculino	76 anos	1ª série	Aposentado
F1	Feminino	45 anos	nenhuma escolaridade	Doméstica
F1	Feminino	42 anos	4ª série	Pescadora
F1	Feminino	50 anos	8ª série	Dona de casa
F2	Feminino	60 anos	2ª série	Dona de casa
F2	Feminino	87 anos	nenhuma escolaridade	Aposentada
F2	Feminino	91 anos	nenhuma escolaridade	Aposentada

Optamos por considerar idade, sexo e grau de escolaridade dos falantes, fatores que se mostram relevantes nos estudos sociolinguísticos, com o interesse em verificar a frequência do uso da vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar cacerense uso linguístico que identifica o falar local vinculadas a essas variáveis sociais. Também nos interessamos em saber qual é a atitude dos nossos informantes: eles seguem a mesma direção dos mais escolarizados⁹,

⁸Na tabela 2, M1 corresponde a informante do sexo masculino da 1ª faixa etária (adulto mais novo); M2 equivale ao informante do sexo masculino da 2ª faixa etária (adulto mais velho); F1 representa a informante do sexo feminino da 1ª faixa etária (adulto mais novo); F2 equivale a informante do sexo feminino da 2ª faixa etária (adulto mais velho).

⁹ Entrevistados em outros estudos (BISINOTO, 2000).

ou seja, procuram uniformizar a fala seguindo a norma padrão ou, ao contrário, mostram atitudes diferentes valorizam a norma local?

Para a coleta de dados, elaboramos um roteiro¹⁰ de entrevista, com 27 perguntas elaboradas com o propósito de abarcar aspectos culturais e linguísticos da comunidade, distribuídos em cinco temas: (1) A cidade de Cáceres; (2) As características dos nativos; (3) A cultura cacerense; (4) O falar da comunidade nativa; (5) O grupo de pessoas vindas de outras localidades.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas: dezembro de 2010 e março de 2011; em 2012 substituímos uma informante da primeira faixa etária.

Inicialmente conversávamos com o informante sobre diversos assuntos, por exemplo, a família, o trabalho, a formação da comunidade, o que, de certa forma, rompia com a formalidade da entrevista, deixando o informante mais à vontade¹¹. Nessa conversa inicial justificávamos a realização do estudo, dizendo que tínhamos interesse em saber como ocorreu a formação da comunidade, e em conhecer alguns aspectos da cultura e do falar dos informantes nativos. Dessa maneira, a entrevista no geral foi informal, já que o objetivo era gravar a fala espontânea da comunidade.

Logo após essa conversa, preenchíamos a ficha do informante com seus dados pessoais: nome, idade, sexo, naturalidade, estado civil, naturalidade da esposa (o) escolaridade, profissão, endereço, etc. Na ficha há um espaço reservado para observações sobre o comportamento do informante durante a entrevista, dados fornecidos sobre cada informante em particular, que funcionam como complementares à análise.

¹⁰ O roteiro de entrevista foi elaborado com base nos questionários utilizados por Alves (1978), Bisinoto (2000), Krug (2004) e Amâncio (2007).

¹¹ De acordo com Labov (1972/2008, p. 244-245), uma maneira de superar o paradoxo do observador “é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. [...] Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos”.

Na sequência aplicávamos o roteiro da entrevista. De um modo geral, os informantes se mostraram bastante receptivos, interessados em responder às perguntas. No caso de não compreensão da pergunta refazíamos a questão – conseguíamos a resposta, ou o informante permanecia em silêncio.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital da marca Sony IC Recorder ICD-P620, totalizando aproximadamente 15 horas de gravações transferidas para o programa de computador Digital Voice Sony e transcritas. Nesse material foram selecionados os dados para a análise.

Na transcrição das entrevistas, utilizamos o padrão sugerido por Marcuschi (1998) e Cintra (1992). O levantamento dos usos linguísticos que identificam o falar da comunidade cacerense foi feito diretamente nos textos orais e também da transcrição grafemática das entrevistas. Na transcrição grafemática, procuramos preservar tanto quanto possível a produção real, ou seja, a forma falada pelo informante.

A Vocalização da Lateral Palatal [ʎ] > [j] no Falar Cacerense

Desde os trabalhos pioneiros de nossa Dialetologia, desenvolvidos por (Amaral (1920), Nascentes (1923), Marroquim (1934) e Teixeira (1938)), se reconhece a importância de estudos regionais para se chegar a uma visão abrangente do português do Brasil. Nosso objetivo neste estudo é focalizar o uso da vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar da comunidade cacerense e, assim, trazer uma contribuição para o conhecimento da variação dialetal no português do Brasil.

Os estudos sobre os sons palatais mostram a diversidade dos processos que envolvem suas realizações, são vários os fatores que impulsionam o surgimento desse fenômeno. Esses fatores são tanto de ordem social quanto linguística. Assim, a produção articulatória, tem sua caracterização bastante diversificada.

Conforme Camara Jr. (1970, p. 76) na língua portuguesa como em “línguas europeias, em que não há molhamento senão para as líquidas e as nasais, pode-se considerar as chiantes tais quais as molhadas, como modificação com o palato médio, num fenômeno de palatização”. O autor relata que assim temos uma oposição entre consoante “dura” ou não-palatalizada e consoante palatalizada que distingue *l* e *lh*. Historicamente aparecem no sistema português pela combinação da consoante dura correspondente com um /y/.

Sobre a consoante lateral palatal e os processos que envolvem suas realizações Silva (1998, p. 64-65), diz que:

“consoante palatal que ocorre na língua portuguesa apenas em posição intervocálica e corresponde na ortografia ao dígrafo “lh” como na palavra “palha”. Vejamos as alternativas articulatórias relacionadas ao “lh” ortográfico. Na primeira alternativa, o falante articula uma consoante lateral palatal que apresenta a obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal (o ar escapa lateralmente). Nesse caso o falante levanta a parte média da língua em direção ao palato duro. Ou seja, a região central da língua quase toca o céu da boca. Utilizamos o símbolo [ʎ] para representar este caso e uma palavra como “palha” será transcrita como [ˈpaʎa].

A segunda alternativa articulatória relacionada ao dígrafo “lh” representa os casos em que uma consoante lateral alveolar (ou dental) é articulada juntamente com a propriedade articulatória secundária de palatização. Neste caso, o falante levanta a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes incisivos superiores (como na articulação da lateral em “bala”). Concomitantemente, a região média da língua é levantada em direção ao palato duro. Temos então uma consoante lateral alveolar palatalizada que é transmitida como [lʲ]. Uma palavra como “palha” é então transcrita como [ˈpaʎa].

Finalmente, há falantes que pronunciam as palavras “teia” e “telha” de maneira idêntica. Nestes casos, temos que uma vogal com a qualidade vocálica de *i* ocupa a posição consonantal correspondente ao dígrafo “lh”. Transcreveremos tal segmento como [y] uma vez que estamos nos referindo a uma posição consonantal. Uma palavra como “palha” é então transcrita como [ˈpaya].

Sobre esse aspecto da produção articulatória Dubois (1998, p. 674) define que a palatização “é o fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal”. A consoante palatizada “é aquela cujo ponto de articulação se aproxima do palato duro”. E o fenômeno de vocalização o mesmo autor descreve como: “é a passagem de um elemento consonantal (ou glide) a uma vogal, seja historicamente, seja numa alternância sincrônica”.

Considerando os autores mencionados e suas definições, procuramos neste espaço, apresentar fragmentos selecionados das entrevistas realizadas na comunidade cacerense com as características fonéticas em estudo que são típicas, mas não exclusivas do falar local, tendo sido já atestadas em outras áreas, no português popular do Brasil.

(1) porque eu posso fazê outras coisas... mas quem cuida das coisas aqui é **a muié...** eu memo detcho tudo djogado. (M2).

(2) a forga é assim... a gente **trabaia** o dia que qué né... dia que não qué... não vai **trabaiá...** pode forgá!

(3) ai que é difícil... porque agente vê eles andanomuito... muda daqui... muda pra lá... vai pra cá... não sei se é fartade serviço... se **trabaia** muito né. (F2).

(4) Não... meas **fia** é pra ficá na cidade... não tem nada que ir pro mato... pro mato... quem vai sou eu. (F2).

(5) cabô o respeito mea **fia...** ninguém qué respeitá dgente de idade. (F2).

(6) O mato-grossense... é a língua portuguesa né... mas geralmente o boliviano... o Paraguai é tudo é castelhano... adgentenum entende ele... mas tá muito misturado... **oiá** aí... esse ai é boliviano. (M2).

(7) Na poesia é mato-grossense mesmo né... que é o português né... porque esses outros... djáfala tudo **atrapaiado**.(M2).

(8) Tem muito que faz malandradgê...pra i robá... faz **orêia** de lobisomem... tanto que como lá em Poconé fizeram pra mexê no **aeio**. (M2).

(9) fizeram feijoada... vieram buscá **vasia** aqui cumigo... meus neto... esses **fio** dessa minha **fia**... aqui eles gosta de música.(F2)

A vocalização da lateral palatal [ʎ]>[j], processo conhecido por iotização, frequente no falar da comunidade cacerense, também foi observada no dialeto caipira por Amaral (1920/1982, p. 53): o “*lh* – vocaliza-se em *i*: *espaiado, maio, muié, fio*”.

Quanto ao falar carioca, Nascentes (1923/1953, p. 49) considera a palatal “uma dificuldade para a classe inculta” que utiliza o iode nesse lugar. Conforme o autor, o *l* palatalizado (*lh*) ocorre na fala dos “índios e africanos”, que não possuíam este fonema em suas línguas “e aprenderam a pronunciar esse uso de forma adulterada e assim transmitiam a seus descendentes. Em “alguns casos concorreu para a palatização: *navalha* - *navaia*, *velha* - *veia*, *filha* - *fia*, *folha* - *foia*, *mulher* – *muié*”.

Quanto ao falar do Nordeste, Marroquim (1934/1996, p. 68) observa que a palatização da lateral é fenômeno geral entre o povo: “*mio*, *fio*, *atrapaiá(r)*, *imbruiá (r)*, *teia*. Às vezes, o *lh* despalataliza-se: *mulé*, *le* por *mulher*, *lhe*. A classe educada pronuncia em geral *mubilha*, *familha*, por analogia com *filha*; o povo diz *mubia*, *famia*. *Óleo* é *ólho* e também *óio*”.

Teixeira (1938, p. 27) atesta que o “*lh* – muda em *y*, semivogal: *famyá*, *fya*, *myo*, *foya*, *muyé*, *cuyé*, *moyá*, *oyá*, *atrapayá*, etc., na pronúncia inculta” de Minas Gerais.

O Uso da Vocalização da Lateral Palatal [ʎ] > [j] por Grupo de Informante

Apresentamos os resultados atestados nos dados examinados, considerando os grupos de informantes, a saber: o Grupo M1 (informantes do sexo masculino, com a idade entre 42 a 51 anos), o Grupo M2 (informantes do sexo masculino com idade entre 59 a 91 anos); o Grupo F1, (informantes do sexo feminino com idade entre 42 a 51 anos) e o Grupo F2, (informantes do sexo feminino com idade entre 59 a 91 anos).

Nosso objetivo nessa análise é saber qual grupo de informante mantém predominantemente o uso da vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar da comunidade cacerense. No conjunto dos dados, registramos os usos linguísticos característicos do falar local, como passamos a indicar, apontando a coocorrência das variantes alternativas. Foram atestadas 206 ocorrências, 96 ocorrências da vocalização da lateral palatal [ʎ] e 110 ocorrências de [j].

Para a análise dos dados foi selecionada a variável dependente com a atuação ou não da vocalização da lateral palatal. A seguir destacamos os exemplos dos dados:

(10) gosta de **trabaiá**. (F1)

(11) Pra mim não existe outra terra **melhor** que a nossa (M2)

No fragmento (10) há atuação do fenômeno da vocalização da lateral palatal [ʎ]; Em (11) registramos o uso linguístico esperado conforme as regras da norma padrão.

Na tabela 2 abaixo, indicamos os números atestados do fenômeno da vocalização da lateral palatal [ʎ] e [j] por informante na comunidade cacerense. Como os informantes são pouco numerosos e o número de

ocorrências não é alto, achamos conveniente apresentar os índices de ocorrências para cada informante.

Tabela 2: Número de ocorrências da vocalização da lateral palatal [ʎ] e [j]

Informante	Ocorrências [ʎ]	Ocorrências [j]
M1 (FPR)	10	0
M1 (JRSR)	0	12
M1 (MCA)	0	10
M2 (LS0)	2	24
M2 (JVS)	30	0
M2 (JLF)	18	0
F1 (TCA)	0	8
F1 (MRAS)	0	12
F1 (RL)	0	40
F2 (FNC)	4	4
F2 (IAC)	6	0
F2 (SRSP)	26	0
TOTAL	96	110

Do total de 206 ocorrências, atestamos 96 ocorrências da vocalização da lateral palatal [ʎ], e 110 ocorrências de [j]. Das 96 ocorrências em [ʎ] 50 foram verificadas no grupo M2 (homens mais velhos); 36, no grupo F2 (mulheres mais velhas); 10, no grupo M1 (homens mais novos); e nenhuma no grupo F1 (mulheres mais novas). Os resultados apontam uma diferença entre as duas faixas etárias: os adultos mais novos usam [ʎ], mas mostram pouca adesão ao uso, revelando maior identificação com as [j]. Já os mais velhos de ambos os sexos mostram uma fala marcada pelo uso da vocalização da lateral palatal [ʎ].

Apesar de o número total de ocorrências não ser muito alto, o resultado é significativo: indica que os informantes mais velhos, tanto do sexo feminino (grupo F2) quanto do sexo masculino (M2), usam mais a vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] que os informantes mais novos (F1 e M1). Esses

resultados seguem na direção dos resultados atestados em outros estudos que tratam de variação linguística no Estado de Mato Grosso, na Baixada Cuiabana por Palma (1980), Dettoni (2005) e Lima (2006) e na cidade de Cáceres por Silva (2000) e Macedo-Karim (2004 e 2012).

Essas variantes foram atestadas nos informantes das duas faixas etárias e de ambos os sexos. Esses resultados mostram que os nativos da comunidade cacerense usam as variantes linguísticas que identificam o seu falar. Desse modo, é possível perceber que eles se mostram seguros em relação a sua prática linguística, não políciam sua fala; eles têm atitudes positivas em relação ao seu falar; ou seja, não demonstram preocupação com sua norma linguística, ao contrário, manifestam satisfação em relação a sua maneira de falar.

Considerações Finais

Este artigo foi desenvolvido na perspectiva teórica da Sociolinguística. Trata da atuação da vocalização da lateral palatal [λ] > [j], uso linguístico característico do falar dos informantes mais velhos nativos da comunidade cacerense localizada no Alto Pantanal de Mato Grosso.

Em nossos informantes pudemos perceber atitudes positivas em relação ao seu modo de falar. Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram como a relação dos fatores socioeconômicos e culturais criam condições para conservação de traços do português popular. A conservação desses traços pode ser explicada pelo longo período de isolamento que a região de Cáceres passou em relação aos grandes centros urbanos do Brasil.

Referências

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. (1979). **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**: uma abordagem prévia. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

AMÂNCIO, Rosana Gemina. (2007). **As “cidades trigêmeas”**: um estudo sobre atitudes sociolinguístico-sociais e identidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

AMARAL, Amadeu (1920). **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 4ª. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. (2000). **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT**: efeitos do processo migratório. Dissertação de Mestrado. Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso (1904-1970). **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CINTRA, Geraldo. (1992). Transcrição da fala corrente: teoria e observação. Estudos linguísticos XXI – **Anais de Seminários do GEL**. Jaú: Fundação Educacional “Raul Bauab”, Vol. I: pp. 614-620.

DETONI, Rachel do Valle. (2005): **A concordância de gênero no falar cuiabano**: a trajetória de uma mudança linguística em curso. IN:Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Orgs.). Cuiabá, Cathedral Publicações, p. 51-67.

DUBOIS, Jean. et. al. (1973). **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. John Robert Schmitz, Dra Leonor Scliar Cabral e Maria Elizabeth Leuba Salum. 6ª. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1998.

- FERREIRA, João Carlos Vicente. (2001). **Mato Grosso e seus Municípios**. Cuiabá-MT: Buriti.
- KRUG, Marcelo Jacó. (2004): **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue Alemão-Italiano-Português de imigrante-RS**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LABOV, William. (1972). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- LIMA, José Leonildo. (2006). **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**. Tese de Doutorado, Campinas:Universidade Estadual de Campinas.
- MACEDO-KARIM, Jocineide (2012). **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. (2004). **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1998). **Análise da conversação**. 4ª. ed. São Paulo: Ática.
- MARROQUIM, Mário (1934). **A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 3. ed. Curitiba, PR: HD Livros Editora, 1996.
- MENDES, Natalino, Ferreira. (2009). **História de Cáceres: história da administração municipal**. 2. ed. Cáceres, MT: Editora da Unemat.
- NASCENTES, Antenor. (1923). **O linguajar carioca**. 2. ed. completamente refundida, Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. (1980). **Variação fonológica na fala de Mato Grosso**: um estudo sociolinguístico. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SILVA, Thaïs Cristóforo. (1998). **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Mariza Pereira. (2000). **Um Estudo de Variação Dialetal: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT**. Campinas-SP: IEL – UNICAMP.

SIMON, F & AYALA. S. Cardoso (1914). **Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso**. Corumbá/Hamburgo: {s.n.}, janeiro/1914.

TARALLO, Fernando. (1997). **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática.

TEIXEIRA, José Aparecido. (1938). O falar mineiro. IN: **Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**.

ZATTAR, Neuza Benedita da Silva; TAVARES, Danielle; ARTIOLI, Luiza Bernadete. (2008). **Unemat 30 anos: pelos caminhos de Mato Grosso**. Editora Unemat. Cáceres.